

As parábolas do discurso parabólico de Mateus 13

Caio Antonio Veiga dos Santos¹

Resumo: Dentre os grandes discursos do Evangelho de Mateus, o capítulo 13 se apresenta como o central, não apenas dos discursos, mas também do Evangelho como um todo. O chamado discurso parabólico apresenta a personalidade própria do Evangelista Mateus, um rabino convertido que deseja transmitir aos discípulos o conteúdo da pregação do Mestre. Tendo como tema central o Reino de Deus em ação e em tensão escatológica, o Discurso Parabólico apresenta-nos o contorno de uma comunidade cristã nascente marcada pela entrada de pagãos em uma comunidade primordialmente judaica e de pela obstinação de judeus que reservavam para si a Palavra de Deus. Um estudo da catequese deste capítulo pode favorecer o discipulado cristão atual, lançando luzes sobre o caráter misterioso de um Mestre que lança o discípulo na realidade, para que ali, em um campo que parece vazio, encontre o tesouro precioso do Reino dos Céus.

Palavras-chave: Matheus, discurso parabólico, Reino de Deus, escatologia

Abstract: Among the great speeches of the Gospel of Matthew, chapter 13 presents itself as the central one, not only of the speeches, but also of the Gospel as a whole. The so-called parabolic speech presents the personality of Evangelist Matthew, a converted rabbi who wishes to transmit to the disciples the content of the Master's preaching. With the central theme of the Kingdom of God in action and in eschatological tension, the Parabolic Discourse presents us with the outline of a nascent Christian community marked by the entry of pagans into a primarily Jewish community and by the obstinacy of Jews who reserved the God's Word for themselves. A study of catechesis in this chapter can favor current Christian discipleship, shedding light on the mysterious character of a Master who launches the disciple into reality, so that there, in a field that seems empty, he finds the precious treasure of the Kingdom of Heaven.

Keywords: Matheus, parabolic speech, Kingdom of God, eschatology

1 MATEUS, SEU EVANGELHO E SUA COMUNIDADE

Nada, fora a Criação, que segundo Santo Agostinho foi feita *ex nihilo*, é feito do nada. No mundo dos textos, todos surgem de uma intenção do autor: expor suas ideias, expressar sentimentos, informar os leitores, contar uma história, narrar um fato etc. Ademais, surgem sempre de forma encarnada, ou seja, possuem um contexto: autor, destinatário, local de escrita, forma textual e, sobretudo, uma mensagem a ser veiculada.

1 Caio Antonio Veiga dos Santos fez parte de sua iniciação científica, concluída em 2017, como voluntário, e parte como bolsista do CNPq, enquanto cursava a Graduação em Teologia na FAJE (concluída em 2018). Foi orientando do Prof. Dr. Jaldemir Vitorio, e teve seu plano de trabalho vinculado ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado "Tradições teológicas do Novo Testamento", ligado ao grupo de pesquisa "A Bíblia em leitura cristã". Caio é também Graduado em Filosofia pelo Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto (2014), e hoje é Presbítero da Diocese de Jaboticabal.

Tais pressupostos, também, se aplicam aos textos sagrados, e nem poderia ser diferente. Tomando os Evangelhos como exemplo, o autor não quis narrar de forma livre e, meramente, biográfica a história de Jesus de Nazaré, mas, sim, como grande parte da Sagrada Escritura, tem a intenção de “formar a consciência religiosa de um povo” (SKA, 2005, p. 48), de tal maneira que há sempre um contexto que deve ser levado em conta, ao se realizar a leitura do texto em questão. Nesse sentido, para que se possa ter uma justa compreensão do Evangelho de Mateus e, sobretudo, do Sermão Parabólico, no capítulo 13, é necessário que tenhamos em mente algumas características específicas deste evangelho: o autor implícito, a comunidade destinatária de sua catequese e o panorama teológico do autor, presentes na obra.

1.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS

Dentre as várias características do Evangelho de Mateus, a primeira que nos salta aos olhos é o fato de estar colocado como o primeiro dentre os Evangelhos canônicos. Segundo Benedict Green, “esta posição representa uma prioridade de apreço e não de datação” (1980, p. 1, tradução nossa), pois mesmo que o *cânon* varie ao longo dos séculos, o chamado “primeiro evangelho” adquiriu prioridade sobre os demais evangelhos, e até de que qualquer outro livro do Novo Testamento, a ponto de Santo Inácio de Antioquia constantemente chama-lo de “O Evangelho”, não como se não existisse nenhum outro ou que não fossem conhecidos, mas que “a nenhum pode ser comparado” (Cf. *Ibid.*, p.1). O motivo desta prioridade se deu sobretudo devido à popularidade e a grande aceitação que o livro teve, em face à sabedoria da época.

É senso comum a afirmação de que o Evangelho de Mateus tenha sido escrito originalmente em grego. Porém autores como Josef Schmid (1976) e Green (1987) veem em um antigo fragmento de Papias, bispo de Hierápolis na Ásia Menor, a mais antiga citação do primeiro evangelho, onde se lê que “Mateus reuniu as palavras do Senhor (*logia*) na língua hebraica, e logo todos traduziram-no da melhor forma que sabiam” (PAPIAS *apud* GREEN, 1976, p. 1 e SCHMID, 1976, p. 33). O uso do termo *logia* leva a crer que Mateus tenha compilado, em um primeiro momento, a coleção dos chamados “ditos de Jesus”, em língua hebraica, e posteriormente sua comunidade tenha acrescentado os “feitos do mestre”. Mas a hipótese de que o primeiro texto tenha sido apenas de discursos tem seu ponto fraco no fato de que o termo *logia* também é utilizado por Pápias para designar o Evangelho de Marcos (Cf. SCHMID, 1976, p. 32-33).

O que não se pode ignorar é que, de fato, o Evangelho de Mateus possui muitos mais discursos de Jesus do que o de Marcos, composto, sobretudo, por narrativas de suas ações. Ainda que Mateus tenha reproduzido quase por completo o texto de Marcos (506 versículos, deixando de fora apenas 21), Mateus acrescenta 235 versículos da fonte Q² e cerca de 330

2 Aqueles versículos que são comuns a Mateus e Lucas foram interpretados pelos exegetas como pertencentes a uma fonte comum a ambos que não chegou até nós. Por ser desconhecida, os pesquisadores lhe atribuíram o simples nome de *Quelle*, do alemão, “fonte”.

versículos que não possuem referência em nenhum outro Evangelho, e por isso são considerados como patrimônio próprio evangelista (Cf. FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 35-36).

1.2 O EVANGELISTA E SUA COMUNIDADE

Muito se discute se o autor do primeiro evangelho corresponde ao apóstolo Mateus mencionado no catálogo dos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos (Cf. At 1, 13). O chamado do publicano Levi é comum aos sinóticos (Cf. Mt 9, 9; Mc 2, 13-14; Lc 5, 27-28), mas apenas no primeiro evangelho o nome do publicano é substituído por “Mateus”, o que poderia causar certa estranheza, ou mesmo levantar a hipótese de que a substituição foi feita pelo próprio autor, ao corrigir o seu nome. Porém, nenhum evangelho volta a citá-lo de forma explícita em toda narrativa, e os relatos dos escritores posteriores sobre sua vida são confusos e contraditórios entre si (Cf. SCHMID, 1976, p. 34).

Devido à sua grande capacidade de trabalhar o texto de acordo com a intenção de sua catequese, e o pleno domínio das Escrituras antigas, a hipótese quase unânime entre os estudiosos é de que o autor seria um judeu rabino convertido ao cristianismo. Segundo Fabris e Barbaglio, Mateus provavelmente era um “pastor de almas” empenhado em orientar os irmãos na Fé: “Sua teologia, de alguém nada despreparado, antes tecnicamente muito preparado no uso da Bíblia, era toda voltada a sacudir os irmãos no torpor [...]” (FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 43).

A essa hipótese, os autores somam a possibilidade de que o autor tenha deixado sua assinatura em Mt 13, 52, em que se lê: “Todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante ao proprietário que do seu tesouro tira coisas novas e velhas”. De fato, o grande trabalho do evangelista será o de mostrar Cristo como a plenitude da Lei Mosaica, de tal forma que os mandamentos, já velhos, se tornam novos, na perspectiva do Reino dos Céus.

Quanto à sua comunidade, é inegável, pelo grande apreço que Mateus tem pela tradição judaica, e pela importância dada à Lei de Moisés, que se trate de um ambiente judeu-cristão. Ademais, algumas expressões típicas do Evangelho de Mateus ajudam a fixar essa ideia: a missão dos discípulos é centrada nos israelitas (Cf. Mt 10, 5-6) e as prescrições que Jesus apresenta no chamado Sermão da Montanha possuem um caráter tipicamente nacionalista, como Mt 5, 47, em que se lê: “Se saudais apenas os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem também os gentios a mesma coisa?” O termo “*gentios*” era, comumente, usado pelos judeus para caracterizar aqueles que não partilhavam da mesma fé nacional dos judeus.

O fato de Mateus centrar grande parte de sua atenção em mostrar a importância da Lei de Moisés, a ponto de colocar na boca de Jesus sua não caducidade em Mt 5, 17-18 (“Não vim abolir a Lei, mas dar-lhes pleno cumprimento”), mostra a “presença indubitável [...] dos cristãos de origem helenística” (FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 40), participantes da corrente *anomista*, que afirmavam o contrário da mensagem do evangelista sobre a Lei. Além

disso encontramos no Evangelho indícios de uma comunidade laxista, cujo alvo está implícito no Sermão Escatológico no cap. 24), dividida e arrogante, claro no Sermão Eclesial. no cap. 18.

A comunidade estava cansada, facilmente, desanima da caminhada. A demora da vinda do Senhor devia ter causado um cansaço espiritual: para que trabalhamos, evangelizamos, se o Reino não nos acontece? Mateus mostrará, no capítulo 13, no chamado Sermão Parabólico, em que consiste esse verdadeiro Reino. Reino que só se realizará, plenamente, no éscaton, motivo da íntima relação do capítulo 13 com o capítulo 24.

Mas, afinal, onde e quando estava localizada esta comunidade? Um único versículo parece dar a resposta, ainda que a discussão seja extensa. Somente Mateus afirma que a fama de Jesus se espalhava pela Síria (Cf. Mt 4, 24). Fabris e Barbaglio afirmam que

“em tal direção, além da presença na região de judeus e pagãos [...] impele o interesse particular por Pedro. Em Antioquia da Síria verificou-se o show-down entre Pedro e Paulo (Gl 2, 11-14), que impeliu a comunidade cristã local a estreitar-se ao redor do primeiro e a olhar com suspeita o segundo” (2014, p. 44).

Quanto à data, é consenso afirmar que o evangelho tenha sido escrito depois dos anos 70, pois faz alusão ao incêndio da cidade e a destruição do Templo em Mt 22, 7, que só se deu em 70. Mas o conflito que a comunidade Mateana vivia com o judaísmo rabínico ainda não havia resultado na expulsão dos cristãos da sinagoga como relatado em Jo 9, 22, o que sugere uma data anterior ao ano 90. Parece razoável a consideração de Fabris e Barbaglio em situar o evangelho por volta dos anos 80 (Ibid., p. 44).

2 A TEOLOGIA DE MATEUS

Raymond Brown (2012) destaca que o acento teológico de Mateus recai sempre sobre três temas: *a cristologia, a eclesiologia e a escatologia*. Todo seu evangelho deve ser lido a partir destas três categorias, que devem, aqui, ser explicitadas.

Cristologia. O Evangelho de Mateus se inicia com a Lista da Origem de Jesus que remonta a Davi e a Abraão (Mt 1, 2-16), deixando claro para o leitor implícito judeu que Jesus é da linhagem davídica, e por isso, legítimo Messias esperado por Israel. Contudo, essa afirmação só será colocada na boca da comunidade primitiva na profissão de Fé de Pedro em Mt 16, 16. Como legítimo judeu, israelita de origem, Jesus será comparado implicitamente a Moisés na sua origem (na fuga para o Egito por exemplo) e no Sermão da Montanha (Mt 5-7). Neste belo discurso, Jesus, como o “novo Moisés”, se mostra como o grande Mestre de Israel, encarregado de interpretar a Lei e dar-lhe “pleno cumprimento” (Mt 5, 17), revelando de forma perfeita e definitiva a vontade do Pai (Cf. FABRIS; BARGAGLIO, 2014, p. 54).

Eclesiologia. A comunidade mateana está por todo o pano de fundo do Evangelho. A discussão do Reino de Deus toma grande parte na trama do Evangelho, pois o tema se tornou difícil para a comunidade: eles são os novos herdeiros do Reino, assumidos no lugar dos judeus (Cf. Mt 21, 43). O evangelista também ocupa grande parte de seu texto com a forma de viver da comunidade: entre todas as exortações morais irrompe também uma exortação escatológica. O cristão vive nessa tensão do mundo presente e daquele vindouro.

Escatologia. O aparecimento de Jesus é assinalado por uma mudança decisiva na história. Seu surgimento é acompanhado de sinais desde a infância, na morte e na ressurreição (terremoto, ressurgimento dos santos, aparição em Jerusalém (Cf. BROWN, 2012, p. 319). As orientações morais da comunidade sempre possuem um pano de fundo da tensão escatológica (Cf. BROWN, 2012, p. 319). No final do evangelho, ao ser elevado aos céus, Jesus promete estar com a comunidade até o fim dos tempos (Mt 28, 20), esperança escatológica da comunidade.

3 OS DISCURSOS MATEANOS

Como visto acima, Mateus recolhe quase todo o Evangelho de Marcos, acrescentando-o de discursos. Nesta perspectiva, é notável no evangelho a presença de cinco discursos que constituem unidades fechadas. Tais unidades são marcadas pela presença de uma forma estereotipada de conclusão, que também serve de transição para a narrativa seguinte: “quando Jesus terminou...” (Cf. Mt 7,28; 11,1; 13,53; 19,1; 26,1). Diz-se que tais discursos constituem uma unidade fechada porque cada um trata de um tema específico: a Lei (Sermão da Montanha, Mt 5-7), a missão (Discurso missionário, Mt 10), o Reino (Discurso parabólico, Mt 13), a Igreja (Discurso eclesiológico, Mt 18) e o fim (Discurso escatológico, Mt 24-25). Cabe analisarmos, de forma sintética, cada um destes discursos, a fim de preparar o terreno para a compreensão do Discurso Parabólico do capítulo 13, de tal maneira que este não será aqui abordado, mas terá seu lugar no capítulo seguinte deste artigo.

3.1 O SERMÃO DA MONTANHA (MT 5-7)

Para autores como Schimd, o Sermão da Montanha constitui o discurso mais importante do Evangelho de Mateus (Cf. 1976, p.109). O texto, na íntegra, não faz parte do patrimônio próprio de Mateus, pois também encontramos, ao menos em parte, seu correspondente em Lucas 6, 20-49. Outras partes estão contidas também em Lucas, ainda que separadas do bloco referido (Cf. Ibid. p. 109).

No Sermão da Montanha encontramos como que “o coração do ensinamento moral de nosso Senhor” (GREEN, 1987, p. 71). Se a intenção de Mateus é apresentar Jesus como o grande Mestre de Israel, o Sermão da Montanha é o centro de seu ensinamento. Ainda que seu ensinamento não revogue a antiga lei (Cf. Mt 5, 18), Jesus lhe dá um novo significado (Cf.

Mt 5, 17). De forma grosseira, poderíamos dizer que o texto está em sintonia com a afirmação paulina de que “a letra mata, o espírito vivifica” (2Cor 3, 6), pois Jesus apela não para a letra escrita em pedra, mas busca o espírito que orienta as escrituras. É um convite a ultrapassar a lei dos escribas e fariseus (Cf. Mt 5, 20), a superar o legalismo que escraviza em busca de uma conduta que seja imagem da perfeição do Pai Celestial (Cf. Mt 5, 48).

Este texto marca o encontro entre a tradição judaica e o cristianismo nascente. Diante da tentação de abrir mãos dos textos veterotestamentários, Mateus reafirma sua importância para a sua comunidade. A partir desta nova interpretação, Mateus dá aos cristãos o verdadeiro sentido das escrituras antigas e instrui como deve ser a relação do cristão com tais textos. Segundo Green, “sem esta nova interpretação da Lei Divina, restaria [ao cristianismo] apenas uma religião da letra” (1976, p. 74, tradução nossa).

Ademais, Mateus insere logo no início a essência do verdadeiro discipulado cristão através das Bem-Aventuranças (Mt 5, 1-11). A expressão comumente traduzida “Felizes” ou “Bem-Aventurados” é recolhida da tradição veterotestamentária em textos como Eclo 25, 7-10, Salmo 1, 1 etc, e denota alguém que é agraciado por se encontrar em uma condição específica. Salta aos olhos a categoria primordial da bem-aventurança, comum aos textos do Antigo Testamento, sobretudo da literatura profética: o pobre, categorizado por Mateus como “no espírito” (Mt 5, 3). A categorização feita por Mateus diferente daquela assumida por Lucas (6, 20): enquanto este assume os pobres em seu sentido literal (provavelmente sociológico), Mateus se refere ao pobre como aquele que possui abertura para Deus. Segundo Green, “é provável que Jesus tenha se referido simplesmente aos pobres, mas Mateus utilizou o termo em sentido religioso” (1976, p. 76, tradução nossa).

Todas as outras categorias apresentadas nas Bem-Aventuranças (mansos, aflitos, famintos e sedentos de justiça, misericordiosos, puros no coração, promotores da paz e perseguidos) apresentam ao candidato ao discipulado a essência da vida cristã: o cristão não tem nada, senão a confiança em Deus. É um pobre (Mt 5, 3), aflito pelas tribulações (Mt 5, 5), perseguido por causa da justiça (Mt 6, 10), mas que se mantém manso (Mt 5, 4) porque é sinal da misericórdia divina (Mt 5, 7). A recompensa prometida não é uma vida tranquila, mas é a vida eterna no Reino dos Céus (Mt 5, 10).

3.2 O DISCURSO APOSTÓLICO OU MISSIONÁRIO (MT 10)

O segundo grande discurso do Evangelho de Mateus é composto pelo capítulo 10, comumente chamado de “Discurso Apostólico” ou “Discurso Missionário”. O tema central deste discurso consiste no chamado, investidura e envio dos discípulos para dar continuidade à missão de Jesus: curar e proclamar o Reino dos Céus (Cf. FABRIS; BARBAGLIO, 2014, p. 173).

Sob uma primeira vista, o texto parece limitar a ação missionária dos discípulos a Israel, com a advertência de nem mesmo entrar nas cidades dos samaritanos (Mt 10, 5b-6). Segundo

Green, esse caráter exclusivista provavelmente deve-se ao texto ser um dos mais antigos do patrimônio próprio de Mateus, o que historicamente, marca o início da pregação na Samaria e nas redondezas apenas depois do início da perseguição cristã na judeia e, por isso, não se trata de preconceito ou particularismo mateano (Cf. GREEN, 1987, p. 108-109).

Um olhar geral sobre o texto mostra-nos um discurso concatenado com a dinâmica do Evangelho como um todo. O discípulo, antes de ser enviado, deve aprender tudo sobre a missão: onde deve ir (v. 5b-, 6), o que deve pregar (v. 7), o que deve fazer (v. 8) e o que deve levar (v. 9-10). Ao realizar a missão, que na verdade é do mestre, o discípulo encontrará a mesma sorte que ele: será perseguido (v. 17-24), mas não deve se calar, pois os que matam o corpo não podem matar a alma (v. 28). Marco importante do texto é a alusão que Jesus faz à providência divina: Deus se encarrega de cuidar daqueles que escolhe para realizar a sua missão (v. 29-31).

Para consolidar o ensinamento e o encorajamento dos missionários, Mateus termina o discurso com exigências intransigentes de Jesus (v. 37-38). O Mestre não aceita “meias-medidas”. Aquele que se propõe a segui-lo deve renunciar a todos os laços humanos e até a si mesmo se estes forem impedimentos para o justo cumprimento da missão (Cf. FABRIS; BARGAGLIO, *Op. Cit.*, 185). Contudo, Mateus, como bom pastor de almas, recorda que o prêmio para aquele se abandona à providência e abraça a missão de Cristo recebe a vida eterna, em oposição daquele que se apega à vida terrena e perde a vida em Deus (v. 39).

3.3 O DISCURSO ECLESIAL (MT 18)

A catequese mateana não alcançaria sua finalidade catequética se não se apresentasse diretamente para a comunidade cristã nascente. O capítulo 18, chamado pelos comentaristas de *Discurso Eclesial*, dirige-se diretamente à comunidade, dando as orientações necessárias de como se vive o discipulado de Jesus Cristo na fraternidade e na partilha.

Como recorda Fabris e Barbaglio, pelo texto do evangelho conhecemos o retrato da comunidade: “não é uma comunidade de puros ou de santos. Ao contrário, nela cresce a ambição e se cultivam sonhos de grandeza e de proeminência por parte dos membros que estão mais à vista” (2014, p. 272). Ainda que Schmid (1976) defenda que os v. 1-4 sejam voltados para os líderes da comunidade, acreditamos junto de outros autores como Fabris e Barbaglio (2014, p. 272-273) e Green (1976, p. 158-160) que o texto se dirija a cada membro da comunidade de forma única e singular. Cada um é responsável pela acolhida do irmão e pelo encaminamento de todos à santidade. Em suma, cada uma das exortações de Jesus corresponde ao esforço do catequista por manter a harmonia e a fraternidade na comunidade.

Se nos capítulos precedentes Mateus apresentou a obra de Jesus Cristo, seu ensinamento e a proclamação do Reino dos Céus, no capítulo 18 o evangelista se esforça por mostrar as consequências do seguimento do mestre *dentro* da comunidade. Ademais, Green recorda que, mais do que mostrar as implicações do discipulado, a primeira parte do texto sugere a

natureza do próprio discipulado: ser discípulo de Cristo é tornar-se o menor, o servidor, pois somente aquele que serve encontra a graça diante dos olhos do Pai (Cf. Mt 18, 1-4; GREEN, 1976, p. 159).

Grande parte do discurso é tomado pelo tema do perdão. A temática sugere-nos, em um primeiro momento, o quão difícil era lidar com os rigoristas na comunidade que tinham o interesse de anatematizar todos aqueles que não viviam “de forma plena” o ensinamento de Cristo. Uma comunidade de santos, no sentido de “perfeição”, é impossível, pois “o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido” (Mt 18, 11). É necessário aprender a conviver com os pecadores e jamais desistir de corrigi-los.

Em um segundo momento, o tema do perdão sugere-nos a quantidade de pessoas ressentidas na comunidade: “Quantas vezes devo perdoar ao meu irmão que pecou contra mim? [...] Até setenta e sete vezes” (Mt 18, 21-22). E se o interlocutor for o pecador perdoado, da mesma forma deve ele agir, perdoadando, pois “o Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós, não perdoar de coração, ao seu irmão” (Mt 18, 35). Em geral, Mateus sugere que uma comunidade de discípulos de Jesus é na verdade uma comunidade de pecadores perdoados.

3.4 O DISCURSO ESCATOLÓGICO (MT 24-25)

Sendo plenamente fiel à sua catequese, Mateus só poderia terminar a série de discursos do Mestre com o discurso que trata do Fim. O chamado Discurso Escatológico, presente nos capítulos 24 e 25 do primeiro Evangelho, segue a esteira do discurso presente em Mc 13, mas levando em consideração as peculiaridades próprias da comunidade mateana.

Enquanto Marcos foca sua atenção na destruição do Templo e da desolação de Jerusalém, Mateus amplia o horizonte, dado a distância do fato histórico³. Assim como Paulo em sua primeira carta aos tessalonicenses, a grande preocupação de Mateus é com o laxismo que havia tomado conta de sua comunidade devido à demora do retorno do Senhor. Neste sentido, segundo Fabris e Barbaglio, neste discurso “está em jogo a fidelidade da Igreja no tempo que a separa da vinda de Cristo. Trata-se de vencer as tentações de preguiça, de descompromisso, de traição” (2014, p. 350).

O discurso pode ser dividido em três grandes partes. Em um primeiro momento (Mt 24, 3-35), trata-se da vinda do Filho do Homem e dos sinais cósmicos (Cf. Mt 24, 29-31), políticos e sociais (Cf. Mt 24, 6) que o acompanham, texto em grande parte retirado da tradição marcana e de Q. Em segundo lugar, de forma mais elaborada, aparece a grande exortação à vigilância (24, 36-25, 30), pois “o Filho do Homem virá numa hora que não pensais” (Mt 24, 44). E por fim, de forma sucinta, mas provocativa e dura, a apresentação do julgamento (Mt 25, 31-46), na qual os malvados “irmão para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25, 46).

3 Lembre-se que Mateus escreve por volta do ano 80 d.C. e o Templo foi destruído em 70 d.C.

Desta forma, o primeiro evangelho trata de situar o tempo presente como o tempo da missão da Igreja. O tempo da história de Deus com os judeus terminou, expresso pelo evangelista na queda da cidade santa (Cf. Mt 23, 37-39), e começa o tempo da relação de Deus com os pagãos (Cf. Mt 24, 14). É tempo da Igreja, porque ela tem a missão de anunciar o Evangelho a todas as nações (Cf. Mt 28, 16-20), missão que não deve ser deixada de lado devido à demora do retorno do Cristo. Quando ele vier, em sua glória, instalará em plenitude o Reino de Deus sobre todas as nações, como prefigurava o profeta Daniel (Cf. Dn 7).

Como afirmado no início deste trabalho, os cinco grandes discursos de Mateus são grandes catequeses que nos apresentam Jesus como o Messias em Palavras e em Ações. Como um grande sistema, Mateus inicia seus discursos apresentando, no Sermão da Montanha o perfil do Discípulo do Reino e da vivência deste reinado na Terra, e termina com o anúncio da instalação plena do Reino através da segunda vinda do Messias. O sinal de inclusão é muito claro: os bem aventurados de Mt 5 são os mesmos considerados justos e salvos em Mt 25. Tudo resume-se na afirmação de “quem perseverar até o fim, será salvo” (Mt 24, 13). Mostramos, de forma breve, como Mateus apresentou nos discursos o Discípulo do Reino (Sermão da Montanha), o anúncio do Reino (Discurso Missionário), como deve viver a comunidade de discípulos (Discurso Eclesial) e como esse Reino será implantado em plenitude na segunda vinda de Cristo (Discurso Escatológico). Cabe-nos agora tentar compreender o que é o Reino dos Céus e qual a sua dinâmica na vida do discípulo através do estudo do Discurso Parabólico no capítulo 13.

4 O DISCURSO PARABÓLICO DE MATEUS 13

4.1 DEFINIÇÃO DE PARÁBOLA

A palavra “parábola”, no arcabouço popular, já se tornou quase um sinônimo para se referir às palavras de Jesus de forma geral. Há um pouco de verdade nessa afirmação se levarmos em conta a afirmação de Mt 13, 34: “Jesus falou tudo isso às multidões em parábolas. E sem parábolas nada lhes falava.” De fato, ao se utilizar de parábolas, Jesus comunicava os Mistérios que o Pai lhe deu a revelar de forma que os mais simples pudessem compreender.

Lambrecht (1991) situa, em primeiro lugar, uma diferença entre metáfora⁴ e parábola. Segundo o autor, as *metáforas* são formadas por uma seção figurativa seguida de uma aplicação teórica, sendo esta iniciada pela interjeição “do mesmo modo” ou algo semelhante, como notamos na famosa parábola da ovelha perdida de Lc 15, 7: “[...] do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converte”. Dessa forma, “a semelhança é uma comparação estendida, não uma narrativa completa” (Ibid., p. 22, tradução nossa).

4 A tradução mais precisa do termo “similitude” utilizada por Lambrecht é “comparação”. Porém, ao se referir à mesma coisa, Van der Ploeg (1999) utiliza o termo metáfora, que, para os falantes de língua portuguesa pode ser melhor interpretado.

Já as *parábolas* contam uma história fictícia. Normalmente, elas se iniciam sem uma introdução específica, e sempre são contadas no tempo passado: “O semeador saiu a semear...” (Mt 13, 3). A grande tarefa do contador de parábolas é prender a atenção do ouvinte com elementos que são de seu cotidiano. Tendo a atenção do ouvinte, a parábola narra uma história que, de repente, se torna inusitada e que, mesmo sendo surpreendente, deve ser, ao menos, plausível. Dessa forma, a função da parábola é despertar o raciocínio do ouvinte de tal forma a leva-lo a perguntar o porquê de tal parábola ter sido contada em dadas circunstâncias. Somente a partir de uma análise minuciosa da realidade e do contexto, o ouvinte poderá fazer as devidas “comparações” e retirar a mensagem que ali está escondida.

E é justamente nessa capacidade de manter uma mensagem escondida que reside a beleza da parábola. Em primeiro lugar, ela serve como um veículo de comunicação interna: apenas aqueles adeptos ao movimento de Jesus podiam captar o seu sentido, mantendo a mensagem longe dos inimigos da comunidade. Em segundo lugar, sua riqueza de significado permanece até hoje. Ao longo de todos os tempos, qualquer pessoa que se posicione diante destes textos consegue retirar um ensinamento verídico de Jesus para sua vida. Ademais, nisto também consiste a maior dificuldade em se desenvolver um estudo sobre as parábolas: há uma diversa gama de interpretações exegéticas que outorgam o título de “corretas”, de tal forma que é quase impossível reconhecer qual o sentido original pretendido pelo autor ao escrevê-las (Cf. JEREMIAS, 1976, p. 9). Nas linhas que se seguem, buscaremos nas palavras de alguns autores, uma interpretação possível do sentido original pretendido pelo autor. Ao selecionarmos alguns autores, é claro que ficarão de fora outras infinidades de interpretações que também são válidas e, talvez, até melhores das que as que se seguem. Mas estas são o suficiente para que possamos, depois, interpretá-las para nossas comunidades atuais.

4.2 O DISCURSO PARABÓLICO (MT 13)

Está claro que as parábolas não possuem sentido claro para todos. É necessário um trabalho de interpretação, e nem todos possuem as qualidades para realizar esta tarefa. Mt 13 é prova disso. Utilizando, como pano de fundo que perpassa todo o capítulo, a antítese “multidão – discípulos”, Mateus deixa claro quais são aqueles que possuem as qualidades dadas por Deus para compreender as parábolas do Mestre. De fato, Mateus apresenta Jesus contando as parábolas à multidão (p. ex.: v. 3b-9), mas somente as explica aos discípulos (p. ex.: v. 18-23), pois somente a eles “foi dado conhecer os Mistérios do Reino dos Céus” (Mt 13, 11).

Neste sentido, Mateus recorre à teologia de Marcos do chamado “segredo messiânico”. Tal teologia, muito explorada pelo segundo evangelho, tem sua fundamentação em Isaías 6, segundo o qual Deus possui um plano escondido que há de ser revelado aos homens. Conforme salienta Fabris e Barbaglio, Mateus “entende as parábolas de Jesus como meio de revelação obscura” (2014, p. 210), ao passo que aqueles que não acolhem a palavra, como

explicado por Jesus na parábola do semeador, são julgados pela sua própria incredulidade. Ou seja: o plano salvífico de Deus é revelado ao passo que se acolhe a palavra de Jesus.

Ao contar-nos as parábolas do Mestre, Mateus nos apresenta uma radiografia de sua comunidade. O laxismo moral, o preconceito dos judaizantes, e a autossuficiência daqueles que criam ser salvos por serem membros da Igreja, formam a moldura que enquadra o capítulo 13. As assim chamadas “Parábolas do Reino” são “uma exortação precisa e motivada para a confiança. O Reino de Deus está presente operativamente na história humana” (Ibid., 210). Mateus deseja ensinar sua comunidade que não basta a simples pertença à comunidade, mas é necessário a fidelidade operativa. É necessário entrar na dinâmica do Reino para que dele se possa fazer parte.

O Discurso Parabólico possui uma estrutura bem clara que Fabris e Barbaglio (2014, p. 208) trataram de esquematizar da seguinte forma:

1-3a: Introdução

3b-23 – I parte

3b- 9: parábola do semeador;

10-17: indicação do porquê do uso das parábolas;

18- 23: explicação da parábola do semeador.

24-50 – II parte

24-30: parábola do joio;

31-32: parábola do grão de mostarda;

33: parábola do fermento;

34-35: indicação do porquê do uso das parábolas;

36-43: explicação da parábola do joio;

44-46: parábola do tesouro e da pérola;

47-50: parábola da rede;

51-52: Conclusão

Pode-se perceber um sistema ternário que se repete nas duas partes: parábola - indicação do porquê do uso das parábolas - explicação das parábolas. Da mesma forma encontramos duas conclusões: uma parece situar-se nos v. 34-35 e outra nos v. 51-52. Há divergência entre autores como Lambrecht (1991) e Barbaglio (2014) acerca do porquê desta duplicidade: enquanto o primeiro defende que se trata de uma redação posterior, Barbaglio acena para intencionalidade de Mateus de dar ênfase ao mistério próprio das parábolas.

Outro elemento que é lembrado por Lambrecht (Op. Cit., p. 155-156) é o fato de que, ao se referir ao uso de parábolas, Marcos utiliza o termo “ensinar”: “E começou de novo a ensinar junto ao mar” (Mc 4, 1); ao passo que Mateus não utiliza o termo em momento algum no capítulo, optando pelo verbo “dizer, falar”: “E disse-lhes muitas coisas em parábolas” (Mt 13, 3a). Para Lambrecht isso se deve ao fato de que, para Mateus, o ensinamento pressupõe acolhimento da parte dos ouvintes que, necessariamente, tornam-se discípulos. Porém, como recorda a própria dinâmica das parábolas, nem todos os que ouvem acolhem a palavra, e não se tornam discípulos.

Para reforçar este elemento antitético, Mateus situa Jesus falando ao povo sempre em céu aberto: “Naquele dia, Jesus saiu de casa, e sentou-se à beira-mar” (13, 1). O céu aberto é sempre o lugar do ensinamento da multidão, como já nos apresentou o Sermão da Montanha: “Vendo Jesus as multidões, subiu à montanha” (5, 1). Já aos discípulos, o local do ensinamento é sempre o interior da casa: “Então, deixando as multidões, entrou em casa. E os discípulos pediram-lhe: Explica-nos a parábola do joio no campo!” (13, 36). A permanência com o Mestre é o sinal do acolhimento da palavra e do conseqüente discipulado.

Tendo estas informações como pressupostos, podemos iniciar uma análise mais pormenorizada de cada uma das sete parábolas do Reino. É natural que, assim como o próprio evangelista deu mais ênfase a duas delas (a Parábola do Semeador e a do Joio), dedicaremos um tempo maior na análise das mesmas, enquanto as demais serão analisadas de uma forma mais suscita pela própria falta de bibliografia sobre elas.

4.4 AS PARÁBOLAS DO DISCURSO

A primeira parábola que abre o discurso é a famosa Parábola do Semeador, que ocupa os v. 6b-9. Esta narrativa não é própria de Mateus, dado que ela se encontra quase em sua totalidade em Mc 4, 3-9, retirando apenas o “Escutai!” inicial e invertendo a ordem da produtividade da semente no final da narração.

Mesmo sendo a parábola de abertura, ela não segue o esquema das demais. Ela é uma história muito mais trabalhada, e que não se inicia com o jargão “O reino dos céus é semelhante...” das demais. Porém, seus elementos, com certeza, causaram mais espanto aos ouvintes que as demais. Segundo Van der Ploeg (1999), a “casa” que Jesus deixa no início do capítulo (v. 1) provavelmente é a casa da família de Pedro, que se situa em Cafarnaum, na região da Galileia, motivo pelo qual o mar que Jesus vai sentar-se à beira provavelmente seja o Mar da Galileia. Tal informação geográfica nos situa em um contexto social de agricultores. É normal que os presentes dominassem as técnicas de semeadura e, portanto, que estranhassem o fato de alguém, que dominasse a técnica, semeie como o semeador da história. De fato: quem semearia à beira do caminho? Ou quem semearia em um terreno pedregoso ou em meio aos espinhos? Fica claro que Jesus tinha a intenção de chamar a atenção para algo muito além das técnicas agrícolas da época.

É curioso que Green (1987) e Lambrecht (1991) quase silenciam sobre essa parábola. Talvez porque o próprio Mestre já a explica alguns versículos à frente. Van der Ploeg (1999) é quem dá uma melhor análise da parábola.

O fato de o semeador ter lançado a semente em locais incomuns, provavelmente, supõe a tentativa de utilizar todos os menores locais possíveis para a plantação. Se pensarmos, como Jesus elucida no v. 19, que a semente é a Palavra do Reino, e o semeador é o próprio Mestre cuja missão será prolongada pela comunidade, a parábola quer apresentar que a função da Igreja é lançar a semente em todos os locais, de modo a melhor aproveitar todo o terreno disponível.

Lambrecht (Op. Cit., p. 157) enfatiza o fato de que Mateus inverte a proporção da produção no final da narrativa. Levando em consideração que a comunidade mateana se encontra no contexto da perseguição, e dado que, aos olhos do mundo, a missão de Jesus foi “um fracasso” que terminou com a morte do líder, é natural que se espere pouca colheita. Van der Ploeg (Op. Cit., p. 59) diz que é intenção da própria parábola mostrar que a maioria daqueles que recebem a palavra não frutificam. O orgulho, a ganância e a soberba são os espinhos que sufocam o terreno pedregoso do coração humano, fazendo com que o “sol das tentações” queimem a Palavra que foi semeada. Contudo, o aparente fracasso da missão de Jesus não deve fazer com que a comunidade desanime. A semente que cai em terra boa frutifica, e de forma abundante, rendendo “cem, sessenta e trinta” (Mt 13, 8).

Por fim, Barbaglio mostra que “a parábola revela em Cristo uma clara consciência messiânica” (2014, p. 214). Com esta parábola, Jesus mostra que é na sua pessoa e ação que o Reino vem. Sua obra, distante de ser um messianismo glorioso, depara-se com a dureza do coração humano. O Reino dos Céus se manifesta na pessoa de Jesus, mas justamente devido a estes obstáculos, ele ainda não está presente em plenitude. A tensão escatológica, própria da teologia mateana, perpassa também esta parábola. É necessário que a comunidade não desanime em lançar a semente, pois o Reino dos Céus virá, e frutificará em plenitude.

A parábola seguinte é a conhecida narrativa do “Joio em meio ao trigo” (Mt 13, 24-30). Trata-se de uma parábola do patrimônio próprio mateano que, para Lambrecht, foi colocada em substituição à parábola da “semente que cresce por si só” de Mc 4, 26-29 (Op. Cit., p. 164). Para o autor, Mateus fez tal substituição porque a parábola marcana dá a impressão de que, depois de semeado o campo, o agricultor fica inerte e não mais trabalha. Apesar de também existir tal suspensão de atividade na parábola de Mateus, este evangelista opta por colocar a ênfase na própria ação da colheita e não na inércia do agricultor. Segundo Lambrecht, “este ponto particular, sua própria ênfase, provavelmente é a razão pela qual Mateus preferiu ‘O joio’ à ‘semente que cresce sozinha’ de Marcos” (1991, p. 165, tradução nossa).

Van der Ploeg (1999, p. 60) faz uma observação exegética interessante. S. Jerônimo ao traduzir a Vulgata utilizou o termo *zizania* para traduzir o sentido do “joio”. Desde então os exegetas buscam encontrar, biologicamente, qual a erva daninha correspondente que realmente seja tão semelhante ao trigo a ponto de confundir os agricultores. Para o autor, isso é

desnecessário para uma análise narrativa. Basta compreender que o joio é uma erva daninha que crescia onde não devia. Qualquer elemento exegético que vá além desta compreensão, é desnecessária.

Se a parábola deve causar estranheza aos ouvidos dos ouvintes, o elemento estranho é o fato de alguém possuir sementes de uma erva daninha. Devido à inutilidade de tal posse, a parábola leva o ouvinte a crer que o homem possuía intenções más: prejudicar o outro. Para Van der Ploeg, é justamente aqui o ponto da reflexão de Jesus. Cristo veio para implantar o seu Reino, e isso se dá com a colaboração da comunidade. Mas “neste mundo o reino e seu domínio são combatidos por um poder maligno [...] que move guerra contra Deus e quer afastar os homens do cumprimento e da submissão à sua vontade” (Ibid., p. 62). É necessário que a comunidade combata este mal, para que o Reino de Deus possa se instalar de fato.

Com uma teoria um pouco diferente, Lambrecht defende que o acento recai sobre outros dois itens: “a rejeição de uma ceifa prematura do joio e a efetiva separação do trigo e no joio na colheita” (*Loc. Cit*, tradução nossa). Levando em consideração a situação da comunidade mateana, é justo pensar que existiam vários rigoristas em seu meio. A tentativa de formar uma comunidade de santos, excluindo aqueles que se extraviam, ou que seguem por caminhos distintos (porém válidos), é uma tentação sempre latente.

A dinâmica do Reino é diferente. A impaciência não faz parte dele. Não cabe à comunidade fazer julgamentos escatológicos. Ao dar a explicação da parábola aos discípulos (v. 36-43) Jesus já faz este alerta. À comunidade cabe continuar o trabalho do Filho do homem de lançar as sementes, como já fora anunciado na parábola anterior. A colheita e a separação do joio e do trigo não cabe aos operários, mas somente a Deus e os seus servidos, aqui interpretados como os anjos (v. 41). Vale lembrar que, desde o AT a colheita é símbolo do juízo final, conforme Is 9, 2-3; 27, 12; Os 6, 11 etc.

Barbaglio faz uma síntese interessante. Em sua pessoa e em suas obras, Cristo inaugurou o Reino de Deus. Mas o tempo presente ainda não é o tempo definitivo. A parábola “indica o significado do nosso hoje como tempo de coexistência de bons e de maus, de puros e de pecadores, de bem e de mal. Exclui-se uma compreensão da história em que seja possível operar uma clara separação entre o bem e o mal. Seria confundir a nossa era como o último dia” (2014, p. 220-221).

A terceira parábola é a do grão de mostarda (Mt 13, 31-32) e que, para muitos exegetas, vem alinhada à parábola do fermento situada no versículo seguinte (v. 33). Enquanto Mateus toma a primeira parábola de sua fonte principal, Marcos (4, 30-32), a segunda é tomada de Q. Lambrecht (1991) e Green (1987) as consideram parábolas gêmeas, pois possuem o mesmo ponto central.

Trata-se de parábolas que demonstram a dinâmica própria do Reino dos Céus. Embora o Reino possa aparentar pequeno no início, ele será grande no final. É possível analisar sob diversas óticas. Enquanto *autobasileia*, a atividade de Jesus pareceu pequena, e um fracasso,

considerando sua morte. Nas palavras de Fabris e Barbaglio “na pessoa e na ação do mestre não se via nenhum sinal de poder e de glória. Ao contrário, tudo era fraqueza, pequenez e insignificância” (Op. Cit., p. 222). Era comum na comunidade a insatisfação por parte daqueles que esperavam uma ação gloriosa e magnânima do Messias. A parábola ensina que é necessário a paciência. O antagonismo é claro: assim como a semente de mostarda e o fermento são pequenos, sua ação, a longo prazo, é enorme! De fato, “a magnificência do Reino futuro encontra sempre a sua real inauguração na pobreza da missão de Jesus” (Ibid., p. 223).

Ainda conforme Green, a palavra grega utilizada para designar a árvore (*δενδρον*, *den-drôu*) na primeira parábola “tornou-se termo técnico para a incorporação dos gentios ao povo de Deus” (Ibid., p. 135, tradução nossa). A comunidade podia ver o sucesso da pregação apostólica e a vinda dos pagãos para o cristianismo como os grandes ramos da pequena semente germinada. Contudo, ao mesmo tempo, o fermento aplicado na massa também é lembrete de inclusão para a comunidade. Mesmo o menor membro na comunidade tem valor porque faz a comunidade crescer: nenhum pode ser desprezado.

As parábolas seguintes também são gêmeas e possuem o mesmo significado: tratam-se das parábolas do tesouro e da pérola (Mt 13, 44-56). Mateus retirou-as de seu patrimônio próprio, e as emprega em sua catequese de forma magistral.

Em primeiro lugar, vale recordar que a parábola deve ser ao menos plausível aos ouvintes. Em tempo de guerra ou de outras atribulações, era comum enterrar tesouros de forma a mantê-los seguros. Ao mesmo tempo, a Lei Romana e Judaica admitia que, na compra de um terreno, tudo o que estivesse acima e abaixo da terra se tornava propriedade também do comprador. Já a segunda parábola contém uma cena mais comum. Uma pessoa vende aquilo que tem para comprar algo mais valioso: é a regra do mercado (Cf. Van der Ploeg, 1999, p. 66).

A mensagem é clara e os exegetas convergem: o Reino dos Céus é um tesouro incomparável a qualquer outra coisa. Nas palavras de Schmid, “o reino de Deus é a síntese de toda alegria, a felicidade suprema para o homem” (1976, p. 299, tradução nossa). Ele é o tesouro precioso que o homem encontra e vende tudo para comprar o terreno onde ele se encontra (v. 44). Ele é a pérola mais preciosa que leva um vendedor de pérolas a vender tudo o que tem para adquiri-la.

Vale ressaltar a antítese notada por Lambrecht (1991). O primeiro homem não possui identificação de sua profissão e, portanto, deve ser um simples camponês.⁵ Ao passo que o segundo homem é um vendedor de pérolas. Dado que a pérola já era considerada um dos mais materiais mais caros do mundo antigo, um vendedor de pérolas já possuía muita riqueza, pois possui muito mais que uma. Contudo, a pérola que ele encontra ultrapassa todas as

5 Barbaglio chega a afirmar que se trata de um camponês que trabalha na terra de seu patrão e compra o terreno deste mesmo. Antes que se possa questionar sobre a moralidade da ação do camponês, o mesmo autor já diz que tal questionamento é despropositado, pois não cabe no horizonte de interesse da parábola (Cf. 2014, p. 227).

outras em valor. Ultrapassa a ponto de ele vender todas as demais pérolas para comprar esta única.

A intenção da parábola também é clara. Jesus já revelou o tesouro e a pérola: em sua pessoa e em suas obras, o Reino de Deus, simbolizados no tesouro e na pérola, se torna manifesto. Os ouvintes são interpelados a tomarem uma decisão. Qualquer pessoa, em sã sabedoria, julga que a atitude dos dois protagonistas das parábolas foi sábia e valiosa! Cabe aos ouvintes se posicionarem e também optarem por vender tudo o que tem para comprar este tesouro, ou deixar de lado, sabendo que ele existe.

A parábola cumpre perfeitamente sua razão de ser: deixar o leitor intrigado e questionando-se. Afinal, quem, ao saber que existe um tesouro que pode ser adquirido, não ficaria pensando nele? Quem nunca se questionaria se vale a pena adquiri-lo? Como sobreviver tendo consciência da existência de um tesouro que vale muito mais do que tudo o que se possui? Todas as perguntas devem ser feitas pela comunidade de seguidores de Jesus, para que ela possa responder afirmativamente todos os dias.

A última das parábolas, a da rede (Mt 13, 47-50) apesar de breve, é formada por dois momentos: um figurativo e uma aplicação. Em um primeiro momento, Jesus faz a parábola como de costume; mas, logo em seguida, ele faz uma aplicação da parábola, revelando seu sentido, e deixando seu teor escatológico escancarado. Contudo, vale perceber que, apesar de se iniciar com a tradicional fórmula: “O Reino dos Céus é ainda semelhante...” (v. 47), não há, na parte explicativa da parábola, a comparação direta do Reino dos céus com nenhum elemento. Não podemos afirmar com clareza se, no fundo, o Reino dos Céus é semelhante à rede que recolhe todos os tipos de peixes ou à separação dos bons e maus. O que sabemos, é que tal dinâmica pertence ao Reino.

Para Lambrecht, (1991, p. 172-173) a parábola está em íntima relação com a parábola do joio e seu sentido lhe é semelhante. Assim como na parábola do joio, trata-se de apresentar a coexistência, no mundo, de bons e maus. De forma mais direta, sem florear como na anterior, a última parábola mostra que, no fim dos tempos, haverá a separação dos bons e maus. Mais uma vez cabe à comunidade ter a certeza de que o julgamento escatológico é uma realidade que há de vir, mas somente Deus, através de seus anjos, o realiza.

Porém, há duas coisas que a diferem da parábola do joio. Em primeiro lugar, não há um convite à paciência como na parábola anterior, mas apenas a constatação da existência de vários tipos de peixes na mesma água e a separação que acontece depois da pesca. Em segundo lugar, enquanto a explicação da parábola do joio trazia o destino dos bons (v. 43), a parábola da rede apenas traz o destino dos maus: a fornalha ardente (v. 50).

Autores como Lambrecht (Ibid., p. 173) veem nesta parábola o desenrolar natural das duas parábolas anteriores (o tesouro escondido e a pérola). Os justos (v. 49) são aqueles que escolheram vender tudo para adquirir o tesouro precioso que é o Reino dos Céus. Esses são os que brilharão como o sol (v. 43). Por oposição, os maus são justamente os que se apegaram

às suas riquezas e não tiveram a coragem de adquirir um tesouro mais precioso. Esses serão os condenados no dia do Juízo.

Porém, Fabris e Barbaglio (2014) faz questão de reforçar que a parábola não é um mero “imputar” de medo na comunidade. A intenção de Mateus não é forçar uma vida moral com base no medo da condenação eterna. Pelo contrário. Por saberem-se justificados, os cristãos devem viver de forma coerente com a vida que optaram. É uma questão de coerência, e não de medo.

Por fim, Green (1987) ainda retira um último elemento da parábola. A rede, para o autor, consiste na ação missionária da comunidade primitiva. É necessário lançar a rede todas as vezes, e recolher os peixes, independentemente de quais sejam. A ação missionária é um mandato do próprio Jesus (Cf. Mt 28, 15-20) e não pode ser parada por mesquinhez de uma comunidade que se pretende ser “perfeita”. A “perfeição” só se dará quando apenas os bons ficarem, e tal separação só será feita no final dos tempos, e somente por Deus.

Na conclusão, Mateus coloca uma afirmação muito interessante: “Por isso, todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante ao proprietário que do seu tesouro tira coisas novas e velhas” (Mt 13, 51-52). Como já afirmado no primeiro capítulo deste trabalho, essa é uma sutil assinatura do autor do evangelho: um escriba que se converteu a Cristo. Porém, o que ele quer dizer por coisas novas e velhas e de que tesouro?

Para Lambrecht, (1991) à primeira vista, Mateus parece recorrer a uma tradição que seja anterior ao seu evangelho. Talvez a *Sondergut*, sua fonte pessoal? Porém, a utilização do termo “escriba” sugere muito mais que Mateus esteja falando da “lei e dos profetas”, cujo teor válido Mateus luta por defender no Sermão da Montanha (Cf. Mt 5, 17-18). Sendo assim, o que Mateus, possivelmente, quer afirmar nesta conclusão, é que o discípulo sábio de Cristo é aquele que interpreta a lei com os novos critérios do Reino, mas sem abolir aquilo que é antigo. Em suma: Jesus Cristo é a ruptura e a continuidade, do Antigo Testamento com o Novo Testamento. Ele é a plenitude do ensinamento contido na Lei e nos Profetas.

À primeira vista, o capítulo 13 de Mateus pode parecer um mero amontoado de histórias que o redator do evangelho quis reunir em um único lugar. Percebemos que, em um olhar mais profundo, elas revelam a dinâmica própria do Reino dos Céus instaurado na pessoa e ação de Jesus de Cristo. Mas, após analisar cada parábola em particular, qual mensagem é possível retirar para nossa realidade contemporânea? Afinal, a função da exegese é contribuir para que a mensagem bíblica atinja hoje a mesma intenção que tinha o evangelista ao escrevê-la. Cabe a nós encontra-la, e então, atualizá-la.

5 CONCLUSÃO

A Igreja moderna não possui o mesmo contexto da comunidade primitiva. Não vivemos mais um período de perseguição ou de formulação da crença. Contudo, a volta às

origens é sempre necessária para que a experiência do evento fulcral não se perca ao longo do tempo.

Sabemos que a evento fundamental do cristianismo constitui a Ressurreição de Jesus. A partir dela os discípulos releram as ações de Jesus, a ponto de ver que, o Reino que ele anunciava não seria conquistado pela força das armas, mas que em sua pessoa e em sua ação esse Reino já despontava. A Ressurreição de Jesus mostra que a função do Reino é inserir o ser humano em uma realidade que ele desconhece. Podemos pensar essa inserção a partir de duas perspectivas: uma perspectiva sociológica e mais “tátil” e outra escatológica e mais existencial.

O Reino dos Céus não pode ser pensado apenas como uma realidade escatológica e que está em puro devir. No evangelho que nos dedicamos a estudar nesta pesquisa, em Mt 12, 28 se lê: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós”. Jesus ensinava, com sua vida, a “buscar o Reino e a sua justiça” (Mt 6, 33). A proclamação da justiça era sinal não apenas do messianismo real, mas também função do servo de Iahweh (Cf. Mt 12, 18-21). Ao identificar-se com tal figura veterotestamentária, Jesus assume para a si a obrigação de anunciar a Justiça e de proclamar a chegada deste “Reino de Justiça”. Não basta uma espera passiva pela chegada do Reino (como mostra a opção de Mateus por não empregar a parábola da semente que cresce por si só), mas cabe à Igreja a concretização deste Reino na sociedade enquanto ele não vem em plenitude no fim dos tempos.

Por outro lado, o Reino só pode ser pleno quando ultrapassar as limitações do tempo e espaço. Ao esperar o Reino, os cristãos criam, acertadamente, que este mundo passaria e seríamos postos em uma realidade ulterior. Tal realidade costumamos chamar de “Vida Eterna”, que foi conquistada para nós pelo sacrifício de Cristo e inaugurada em sua ressurreição. É nesse sentido que se pode falar de uma perspectiva existencial, enquanto é promessa de uma existência, como a de Cristo, para o cristão que crê e espera a chegada do Reino.

É essa a dinâmica do Reino que o capítulo 13 de Mateus quis tornar clara para o leitor implícito. À comunidade primitiva não cabia uma espera passiva pela chegada do Reino, mas o contrário. Cabe à comunidade não selecionar o terreno, mas apenas lançar as sementes como o semeador da primeira parábola. Hoje, nos tempos difíceis em que nos encontramos, não cabe à Igreja limitar sua pregação a este ou aquele terreno, ou melhor, a este ou aquele povo, raça, gênero etc. É necessário sempre ter claro a lição do semeador: deve-se semear até nos menores espaços e mesmo nos locais onde não parece ser possível o nascimento de frutos. Não é mais possível uma Igreja ensimesmada, mas que grite a plenos pulmões a toda a humanidade a salvação realizada pelo Cristo, e “quem tiver ouvidos, que ouça” (Mt 13, 9).

Ao mesmo tempo, não cabe à Igreja (concretizada nas mais diversas comunidades) o julgamento do “bom e do ruim”. Cabe sim o discernimento necessário para retirar coisas novas e velhas do tesouro (Mt 13, 52), mas nunca a separação do joio e do trigo. Segundo esta parábola, tal tentativa é por demais perigosa, por que arriscaria uma ceifa prematura do

grão de trigo. Ademais, a separação poderia ocorrer de forma errônea, e arrancarmos o trigo por engano e deixando o joio. À Igreja pede-se paciência, e a Deus, sua misericórdia, para que também nós não sejamos jogados na fornalha no último dia.

É mal corrente de nossos dias a tentação de buscar Igrejas cheias, eventos lotados, grandes aglomerações de católicos fervorosos. A simples ideia de uma Eucaristia com poucas pessoas, ou uma comunidade com um pequeno número de fiéis soa como um desastre para muitos de nós. As parábolas do grão de mostarda e do fermento dizem-nos o contrário. O Mistério do Reino é justamente mostrar como é valioso justamente aquilo que para o mundo para insignificante. São as pequenas comunidades que são verdadeiro fermento que leveda toda uma massa e a faz crescer. A tentação pelas grandezas cega-nos diante da bela pequenez do Reino dos Céus.

Tal tentação impede-nos de ver o verdadeiro tesouro e pérola preciosa que estão diante de nossos olhos. A mesquinhez criticada por estas pequenas parábolas atinge nossas comunidades, que se recusam a vender os bens passageiros para adquirir o campo que esconde um tesouro. A ilusão das riquezas impede-nos de ver a pérola que brilha diante de nossos olhos. É necessário que vistamos os óculos do evangelho para vermos com os olhos do Mestre.

Revisitar os Evangelhos é sempre uma grande riqueza para a Igreja que cotidianamente se esforça por escutar a Palavra do Senhor. O Evangelho de Mateus demonstra sua riqueza e faz jus ao “título de primeiro evangelho” quando suas linhas apresentam-nos uma mensagem que ao longo dos tempos se faz cada vez mais presente na vida da Igreja. Esta pesquisa não quis ser uma simples análise literária (e nem o foi), mas a busca por encontrar uma mensagem de coragem e de ânimo para tantas comunidades que se perdem em meio a tantas vozes que parecem gritar mais alto. Jesus continua nos falando. Quem tiver ouvidos, que ouça.

REFERÊNCIAS

- BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- FABRIS, R.; BARBAGLIO, G. *Os Evangelhos I*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- GREEN, M. *The Gospel according to Matthew*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1976.
- LAMBRECHT, J. “*Out of the treasure*”. The parables in the Gospel of Matthew. Louvain: Peeters Press, 1991.
- SCHMID, J. *L'evangelo secondo Matteo*. Brescia: Morcelliana, 1976.
- SKA, J.-L. *A palavra de Deus nas narrativas dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005.
- VAN DER PLOEG, J. P. M. *Jesus nos fala*. As parábolas e alegorias dos quatro Evangelhos. São Paulo, 1999.